CUIABÁ ANTES E DEPOIS DA COPA DO MUNDO: CRIANÇAS, NARRATIVAS E SIGNIFICAÇÕES INFANTIS

Jeysson Ricardo Fernandes da Cunha[1]

RESUMO: O presente trabalho trata-se de um recorte de um estudo de mestrado intitulado *"Representações Sociais de Crianças sobre Cuiabá Antes e Depois da Copa do Mundo 2014"* e intenta refletir sobre as narrativas de crianças sobre os espaços da cidade considerando as transformações provocadas em função da Copa do Mundo 2014. Nesta perspectiva, a pesquisa objetiva identificar conteúdos de representações sociais das crianças sobre Cuiabá em tempos de Copa do Mundo. O estudo ancora-se na Teoria das Representações Sociais com base em Moscovici e Jodelet, e estabelece diálogo com a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, com estudos sobre espaço e lugar de Tuan e com as contribuições de Bruner sobre narrativas. Tem-se como sujeitos 40 crianças da rede pública de Cuiabá que produziram narrativas em contexto de entrevista semiestruturada. As mesmas foram analisadas cujos conteúdos foram organizados em núcleos de significação. O núcleo de significação "a criança denuncia os problemas da cidade" a partir dos indicadores corrupção, infraestrutura urbana, violência e trânsito, expressam conteúdos subjetivos das crianças e demonstram os sentidos e significados construídos a partir de suas vivências em Cuiabá da Copa do Mundo.

Palavras-chave: Crianças. Narrativas. Cidade. Representações sociais.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma discussão acerca das narrativas de crianças sobre a cidade de Cuiabá considerando um recorte temporal: antes e depois da Copa do Mundo 2014. O objetivo a que se debruça intenta identificar os conteúdos de representações sociais das crianças diante da Copa do Mundo, além possibilitar a visibilidade cívica da criança através das investigações, considerando-as como sujeitos ativos neste processo. Possibilita reflexões e discussões sobre os processos de significações de crianças e adultos tendo como aporte teórico a abordagem psicossocial, considerando os amplos contextos de inserção dos sujeitos na sociedade (ANDRADE, 2015).

A Copa do Mundo FIFA[2] é um megaevento esportivo, de cunho internacional, conhecido e aceito popularmente no Brasil como a principal competição entre países na

[1] Psicólogo. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Docente do departamento de Psicologia da Faculdade de Quatro Marcos em São José dos Quatro Marcos/MT. E-mail: jeyssonrf10@gmail.com.

[2] Federação Internacional de Futebol (FIFA) é a instituição máxima do futebol responsável por dirigir associações de futsal, futebol de areia e futebol de campo.

modalidade futebolística. A sua realização ocorre a cada quatro anos em um país que conseguir sagrar-se vitorioso após a candidatura.

No entanto, o Brasil foi o único candidato para sediar a Copa do Mundo de 2014, em um sistema de rodízio de continentes proposto pela FIFA desde a última edição do torneio realizado em 2010 na África do Sul[3]. O anúncio oficial ocorreu no dia 30 de outubro de 2007, em Zurique na Suíça.

Sediar uma Copa do Mundo, seja em qual país for, demanda uma série de ajustes, impostos pela FIFA, para atender as exigências que concerne a magnitude do torneio. O Brasil, por sua vez, teria diante de si vários desafios a serem vencidos – desde problemas infraestruturais (mobilidade urbana, transporte público, rede de hotelaria) nas cidades-sede, até a modernização dos estádios de futebol – assumindo, para si, através de um pronunciamento do então Presidente da República[4] o peso desta tarefa.

Com a definição do Brasil como país-sede para a Copa do Mundo de 2014, faltava definir quais cidades sediariam os jogos. Os eixos Rio de Janeiro, São Paulo, Amazônia e Pantanal estavam definidos pela FIFA como os 4 primeiros locais estabelecidos. No entanto, Cuiabá (MT) e Campo Grande (MS) lançaram a candidatura para ser cidade-sede da "Copa do Pantanal". Em 31 de maio de 2009, Cuiabá foi confirmada como cidade-sede da Copa do Mundo de 2014, sendo considerada por autoridades políticas como o quarto momento histórico dos quase 300 anos de Cuiabá[5].

Para sediar os jogos da Copa do Mundo no Brasil foram escolhidas 12 cidades-sede: Belo Horizonte (MG); Brasília (DF); Cuiabá (MT); Curitiba (PR); Fortaleza (CE); Manaus (AM); Natal (RN); Porto Alegre (RS); Recife (PE); Rio de Janeiro (RJ); Salvador (BA) e São Paulo (SP). Todas essas tinham algo em comum: expressivos investimentos em projetos de adequação dos municípios para atender o padrão FIFA de eventos.

---

[3] Este sistema foi conhecido como uma oportunidade de realizar a Copa do Mundo moderna em países do hemisfério sul do globo terrestre. A FIFA, após a realização da Copa do Mundo no Brasil, pôs fim a essa política. Disponível em http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/10/30/ult59u135209.jhtm acesso em 23 mar 2016.

[4] Discurso proferido pelo Presidente da República (2007-2010) Luiz Inácio Lula da Silva na cerimônia de anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, em Zurique, na Suíça, 30 de outubro de 2007. Disponível em http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2007/2o-semestre/30-10-2007-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-cerimonia-de-anuncio-do-brasil-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2014/. Acesso em 23 de mar de 2016.

[5] Artigo publicado pelo prefeito (2009-2012) Wilson Santos no dia da confirmação de Cuiabá como cidade-sede. Disponível em: http://www.cuiabamt300.com.br/?p=noticia&id_noticia=1061. Acesso em 26 de mar de 2016.

Com a distribuição de cidades-sede em 12 de 27 capitais possíveis, revelou-se um momento ímpar no "país do futebol", agrupando fatores culturais e ritualizados ao acontecimento de jogos entre seleções, haja vista que a relação entre futebol/sociedade está socialmente demarcada (DA MATTA, 1982).

Nesta perspectiva a pesquisa objetiva: 1. Identificar conteúdos de representações sociais das crianças sobre Cuiabá em tempos de Copa do Mundo; 2. Dar visibilidade à condição cívica da criança por meio da prática investigativa que a considere como sujeito do processo.

Em busca de cumprir os objetivos propostos, têm-se como orientação teórica a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 2001), em diálogo com a Teoria Histórico-Cultural (VIGOSTKI, 2009, 2010) e estudos sobre espaço e lugar (TUAN, 1983) e articulados com narrativas (BRUNER, 1991; 2008). Os diálogos a serem estabelecidos permitem pensar o desenvolvimento infantil e a construção do conhecimento social da criança como processos inerentes e fundamentais, sendo os espaços da cidade, com plenas transformações motivadas pela Copa do Mundo em Cuiabá, um elemento basilar para ambos os processos.

As crianças como sujeitos deste estudo são vistas através da Sociologia da Infância (SARMENTO, 2007) como sujeitos de direito pertencentes à sociedade com possibilidades de exercer influência social. O conceito de criança sociológica compreende a criança como ator social que, inclusas em relações sociais, são sujeitos que constroem sua identidade e exercem sua condição cidadã em contato com os conhecimentos que circundam ao seu redor.

A realização de um evento de grande porte – como é o caso da Copa do Mundo 2014 – pode produzir efeitos de dimensões identitárias para as crianças, mobilizando a construção de representações sociais atuando na apreensão do conhecimento tanto individual como coletivo, delineando identidades sociais e pessoais que propiciam a expressão e transformação de grupos sociais. Logo, a criança interage de diversas maneiras com os espaços da cidade, relaciona-se com sua história e se insere na realidade de modo a contribuir para a construção de uma realidade comum ao conjunto social (JODELET, 2001). As análises de narrativas de crianças sobre Cuiabá em tempos de Copa do Mundo permitem compreender a dimensão simbólica que intermediam o pensamento e possibilitam novas representações da realidade (BRUNER, 1991).

1 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

1.1 Infância e conhecimento social

Sendo crianças sujeitos ativos na sociedade e, em meio a todos esses acontecimentos, não poderia ser diferente: elas interpretam, reinterpretam, significam, ressignificam, compartilham e elaboram conhecimento que dão sentido à realidade do mundo a sua volta. E o que nos permite debruçar esforços nesta toada se embasa na teoria histórico-cultural de Vigotski (2009; 2010), na qual destaca-se a dimensão social do desenvolvimento humano, das relações entre pares e com a própria cultura, incluindo o espaço (ou o meio). O espaço, por sua vez, é visto como potencialmente dotado de possibilidades que são construídas nas relações entre os pares e com o espaço, o que nos permite pensá-lo, de acordo com o conceito de vivência, que o desenvolvimento da criança é um desenvolvimento cultural, isto é, que a criança se desenvolve apropriando-se da experiência social e historicamente construída.

Para Vigotski (2009; 2010), o desenvolvimento humano é mediado de acordo com duas atividades essencialmente humanas, sendo estas a reprodução e a criação. A reprodução tem como intuito de facilitar a adaptação no mundo ao reproduzir algo que já existia anteriormente e, neste viés, criar hábitos frequentes e estáveis ao meio que o cerca. Já a atividade criadora, por sua vez, é um resultado de toda a atividade humana, pois, implica na criação de novas imagens ou ações, surgindo outras novas situações e comportamentos.

Neste prisma, a criação está diretamente ligada ao repertório adquirido de vivências anteriores e, quanto maior for, mais possibilidades de combinar o velho de outras formas. Logo, a criança dentro do seu entorno social, não apenas se apropria passivamente da cultura que lhe é vivenciada, mas também por meio da reelaboração criativa constrói uma nova realidade que corresponde aos anseios da criança (VIGOTSKI, 2009). O conceito de *reelaboração criativa*, evidencia a criança como sujeito ativo na sociedade, que de acordo com a sua vivência, se apropria da cultura que lhe cerca e maximiza suas possibilidades de atuação num processo dialógico com o meio do qual vive. Portanto, as vivências adquirem papel importante na constituição da subjetividade da criança, carregam significações imbricadas pelo coeficiente social.

Por coeficiente social entende-se os vários processos que surgem do meio, incluindo símbolos, pensamentos, representações, sentidos e significados produzidos no meio social que contribuem para a construção de uma realidade comum à um mesmo conjunto social (JODELET, 2001).

Na análise sobre a relação entre as crianças e o conhecimento social, proposta neste estudo, torna-se central considerar, por um lado o potencial da reelaboração criativa que se inscreve no processo de significação de crianças segundo Vigotski e, por outro, o repertório cultural que se apresenta às novas gerações nomeado por Jodelet (2001) como coeficiente social.

1.2 A cidade como objeto de representação social e a abordagem ontogenética da Teoria das representações sociais

A Teoria das Representações Sociais fornece base para compreensão da realidade e do fenômeno do conhecimento social. A representação social é "uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos" (MOSCOVICI, 1978, p. 26). O conhecimento é construído coletivamente e define e orienta consensos elaborados dentro de um grupo social. Este conhecimento corresponde às opiniões, pensamentos, atitudes, crenças e significações relacionados à um determinado objeto e sua organização ocorre com base nas experiências individuas e interindividuais em circunstâncias que envolve hábitos e costumes partilhados.

A criança, em pleno contato com a cidade e em tempos de transformação urbana provocada pela realização da Copa do Mundo, se depara em sua vivência com um estranhamento associado aos modos como as mesmas interpretam a cidade e se inserem na mesma. Tal estranhamento promove a emergência de processos psicológicos dedicada a transformar o novo, estranho ou não familiar em algo familiar, nomeando-o e classificando-o em seus sistemas de valores. O processo de familiarização está ligado à percepção dos indivíduos pertencentes à uma determinada realidade. Para as representações sociais este mecanismo chama-se ancoragem que tem como função tornar o não familiar em familiar. Conforme o autor destaca:

> No momento em que nós podemos falar sobre algo, avaliá-lo e então comunicá-lo – mesmo vagamente, como quando nós dizemos de alguém que ele é "inibido" – então nós podemos representar o não usual em nosso mundo familiar, reproduzi-lo como uma réplica de um modelo familiar (MOSCOVICI, 2013, p. 62)

Outro mecanismo responsável para tornar a realidade fidedigna para um grupo social é a objetivação. Segundo Moscovici (2013), este mecanismo tem como função tornar aquilo que é abstrato em concreto, algo que se inscreve no plano mental e, por isso, impalpável, em palpável e acessível e materializado, por exemplo, "temos apenas que comparar Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes (...)" (2013, p. 72).

A noção que o meio urbano é um espaço social e, portanto, "um elemento central da análise numa perspectiva social e cultural" (JODELET, 1982, p. 2), evidencia como a expansão urbana e sua representação podem ser tomados como objeto e, além disso, adquire papel importante na constituição de identidades tanto pessoais como sociais. E essa noção de espaço social corrobora para a compreensão de que as representações sociais criadas a partir de transformações no meio urbano, demandam uma nova ordem de relacionar-se com o mundo e com os outros, impactando a definição de identidades sociais e pessoais e ordenando novos hábitos e costumes.

A compreensão de que a cidade é um amplo espaço público, a relação entre indivíduos com a esfera pública delineia uma série de fatores para formação de fenômenos psicossociais (JOVCHELOVITCH, 2000). Para a autora, a esfera pública não é uma estrutura externa que influencia e orienta a vida privada, mas sim um dos elementos que a constitui. Neste prisma, a relação entre o que é público e o que é privado ocorre de forma dialética, onde para se compreender a esfera pública faz-se necessário recorrer à esfera privada e vice-versa. Para tanto, o enfoque da psicologia social sob a esfera pública parte do princípio que os elementos constitutivos desta esfera (transparência, livre acesso, publicidade, negociação com o outro em busca de consenso) são espaços primorosos da intersubjetividade, ao trazer para o seu meio a relação dialética entre o Eu e o Outro.

Essa relação dialética entre as esferas públicas e privadas "ilumina a necessidade de levarmos em conta uma teoria do Eu quando avaliamos a qualidade tanto da vida pública quanto da vida privada" (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 61-62). Ao se posicionar dessa forma, a autora argumenta que a vida pública enquanto o Outro generalizado é uma parte no desenvolvimento de vidas individuais, este fato também firma raízes nos fenômenos psicossociais, bem como representações sociais, e são bases que fixam os modos de vivência.

Logo, os lugares da cidade são fontes de formação identitária tanto para adultos, quanto para as crianças, que segundo Tuan (1983) essa noção de identidade define que o espaço se transforma em lugar à medida que é dotado de valor simbólico. Há então, na

concepção do autor, que espaço e lugar se diferenciam através dos valores afetivos e de pertencimento dados e construídos socialmente dos quais são aplicados por meio de vínculos estabelecidos.

Ainda sobre a importância dos espaços como espaços sociais formadores de identidade, Jodelet (2002, p. 32) afirma que "a significação do espaço é marcada pela cultura e pela história, e que as significações subjetivas que lhe emprestam seus ocupantes têm a ver com a biografia e a história de seu grupo". Ressalta-se a relação recíproca e atuante tanto dos indivíduos enquanto suas histórias de vida, como da coletividade em caráter relacional em que as trocas que advém desta relação promove um estreito elo entre memória e espaço.

Como já vimos, os espaços da cidade corroboram de forma significativa para os modos de ser estar no mundo e, por isso, releva a importância de estudos sobre a produção das representações da criança nas diferentes formas de encontro com o novo e o estranho. A abordagem ontogenética das representações sociais orienta o campo de estudos das representações sociais de crianças onde, segundo Duveen (1995), apesar da criança nascer em um mundo já construído, isso não significa que ela nasça com competências para atuar no mundo de forma independente, sendo que essas competências são forjadas ao longo do seu desenvolvimento. As competências da criança para atuar no mundo advêm do resultado de um processo de construção do conhecimento social.

O desenvolvimento da criança como ser de conhecimento social e suas potencialidades de atuar no mundo demonstram que, por meio de interações sociais, as crianças podem tanto influenciar como ser influenciadas e apontam para a posição indissociável do meio social na apropriação da realidade individual e/ou em grupo. Segundo Castorina e Kaplan (2003), não se trata de determinar o caráter efeito da influência da criança no meio social, mas de corroborar com as reflexões das hipóteses que as crianças elaboram de sua realidade por meio das representações sociais partilhadas no seio de seu grupo, estando as crianças em constante contato com os conhecimentos hauridos da sociedade.

1.3 Narrativas: imbricações entre o individual e o coletivo

A criança vivencia a cidade atribuindo sentidos e significados elaborados a partir dos fatos que decorrem neste espaço. E a cidade se mostra como um arcabouço repleto de situações com possibilidades de ser um amplo espaço narrativo. Para Bruner (2008), a narrativa é um conceito da sociologia que contempla as esferas subjetivas do outro tendo

como função organizar a consciência no espaço. O ato de narrar permite a introdução da história real de cada indivíduo que se relaciona com os significados e sentidos que lhes são atribuídos ao longo da trajetória vivida.

Se a vivência da criança em Cuiabá/MT diante das transformações ocorridas no meio urbano provocadas pela realização da Copa do Mundo de 2014, bem como os impactos no cotidiano em virtude do complexo de obras de mobilidade urbana, se depara com um estranhamento como as mesmas interpretam a cidade e se inserem na mesma, as narrativas das crianças podem ser entendidas como um arcabouço que reúne valores, costumes e significados a respeito de algum conteúdo. Para Bruner (2008) as narrativas contam fatos e acontecimentos da história de alguém de acordo com a ótica pessoal de quem conta. No entanto, a mediação da cultura nas narrativas de alguém pressupõe que, embora aconteça sob a ótica pessoal, há também circunscrito os valores e pertencimentos construídos coletivamente, trazendo consigo significações organizadas pelas representações sociais.

Portanto, sendo a cidade objeto de representação e as crianças sujeitos que a representa, elaboram sentidos e significados, partilham conhecimentos sociais, destacam-se as marcas sociais e históricas da relação entre sujeitos sociais e a cultura, e podem, através das narrativas, ancorar (classificar) o estranho ou não familiar em categorias familiares, de forma a contribuir para a compreensão da realidade do seu entorno social.

2 METODOLOGIA

O presente estudo tem como sujeitos 40 crianças estudantes de escolas públicas municipal de Cuiabá/MT com idade entre nove e doze anos, divididas em quatro grupos com dez crianças cada. Os grupos foram distribuídos em três regiões administrativas, Sul (1), Leste (1) e Oeste (2), levando em consideração os seguintes critérios: presença da instituição de ensino público municipal que contemple a faixa etária da pesquisa; proximidade com o complexo de obras de infraestrutura e mobilidade urbana para a Copa do Mundo de 2014, que impactaram diretamente o cotidiano social das crianças. A região Oeste, por ser uma região administrativa de maior abrangência, contemplou dois grupos nesta região.

O acesso às crianças aconteceu mediante a observação participante na escola e sala de aula, pautada em princípios éticos, considerando a inserção do pesquisador como adulto atípico. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: entrevista semiestruturada; mapas cognitivos (ALBA, 2011) na forma de dois desenhos sobre Cuiabá de acordo com os

seguintes motes - Cuiabá antes da Copa do Mundo e Cuiabá depois da Copa do Mundo. Considera-se que a técnica mapas cognitivos é capaz de contemplar as três dimensões de análise do espaço: dimensão social; dimensão territorial e dimensão subjetiva. Os dados obtidos por meio da entrevista semiestruturada e pelos desenhos foram analisados e organizados em núcleos de significação (AGUIAR, OZELLA, 2006) que apresentam as narrativas das crianças na cidade da Copa do Mundo.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 A criança denuncia os problemas da cidade

O núcleo de significação "a criança denuncia os problemas da cidade" apresenta um recorte do estudo a partir dos indicadores corrupção, infraestrutura urbana, violência e trânsito, expressam conteúdos subjetivos das crianças e demonstram os sentidos e significados construídos a partir de suas vivências em Cuiabá antes e depois da Copa do Mundo, das quais foram possíveis organizar as narrativas das crianças em categorias que serão apresentadas abaixo:

Cidade dos ciclistas e dos pedestres x cidade dos condutores de veículos

As narrativas das crianças sobre Cuiabá antes e depois da Copa do mundo demonstra a vivência em que, antes, havia uma harmonia de modo geral e não havia muito trânsito e, após a Copa, instalou-se uma nova ordem de conflitos no trânsito com inúmeros desvios, além da dificuldade do pedestre tendo pouco espaço nas longas ruas e avenidas expressas.

> Antes da Copa do Mundo Cuiabá era normal, Cuiabá era organizado sem muito trânsito, agora depois da Copa do Mundo, ficou ruim porque todo mundo tem que fazer desvio para ir de um lugar para outro e até dificulta para os pedestres que tem que ir longe para atravessar a rua na faixa. (Criança 23, 12 anos, Sexo masculino).

O contraponto feito pelas crianças parece revelar a relação em uma cidade da qual os ciclistas e pedestres perderam espaços para os veículos automotores, transformando o trânsito em um local de perigos e tumultos.

> Antes da Copa do Mundo era melhor que agora, por causa que antes morria menos pessoas agora está morrendo mais pessoas, eu sei porque a televisão fala. Algumas pessoas são atropeladas, outras morre por morrer, outras morre por causa que está de bicicleta e carro bate em moto aí voa e morre, tem vez que pode ser até uma caminhonete, bate no poste e quebra tudinho os postes aí pega nas pessoas e morre eletrocutada pela luz. (Criança 6, 10 anos, Sexo feminino).

Essas narrativas consideram que as obras de infraestrutura em Cuiabá surtiram efeito na medida em que carros e motos se locomovem melhor na cidade. Ainda assim, segundo as crianças, persiste a dificuldade de se locomover na cidade, embora agora aconteça de forma mais fluida que antes e tenha menos trânsito. Nota-se no discurso que as obras contemplaram veículos que usam a rua para se deslocar. A melhora no trânsito ocorre em detrimento das condições para o trânsito do pedestre, incluindo as dificuldades e os atropelamentos dos que fazem uso das vias públicas.

> Eu falaria que antes, geralmente antes, era pior por causa que a locomoção não era assim, por causa que agora tem viaduto, essas coisas. Agora é bem melhor que antes por causa que essas obras ajudaram bastante para locomover com carro, moto, essas coisas, daí eu estou achando melhor agora do que antes. Antes era mais difícil de andar, mesmo agora sendo um pouco difícil, antes era pior, o trânsito era grande. E depois ficou bem melhor. (Criança 10; 10 anos; Sexo Masculino)

Cidade verde x cidade em branco e preto = aumento do calor

Nesta categoria, as narrativas das crianças evidenciam um paradigma: a cidade que antes era vista com mais verde e mais colorida (relembra o apelido carinhoso e histórico dado a Cuiabá como "cidade verde" por causa da grande arborização que possui), após a copa tornou-se da cor do concreto, branco e preto, proporcionado pelo movimento de obras urbanas.

> Antigamente era mais verde, mais colorido e agora perdeu o sentido. Agora a cidade está branco e preto, branco e preto. As crianças podem frequentar os mesmos lugares porque o que é bom nunca se perde, o que é ruim pode até se perder porque pode mudar para melhor. (Criança 5. 11 anos. Sexo feminino)

> Que antes era melhor era mais fresco, agora muito calor [...] porque acho que no lugar onde foi feita a Arena Pantanal tinha mais árvores, também antes de colocar aquele negócio era mais fresco mesmo. Agora ficou muito quente, ficou com menos árvores Cuiabá e se eu pudesse eu morava lá para casa da minha tia, lá em Nova Olímpia [...]. (Criança 20, 10 anos, Sexo masculino)

Os impactos locais proporcionados pelas obras da Copa do Mundo são percebidos pela criança, inclusive, considerando a construção da Arena Pantanal como responsável pelo corte de árvores e, consequentemente, ao aumento da temperatura. Neste prisma, a derrubada das árvores para a construção da Arena Pantanal seguido do aumento do calor é visto de forma negativa e destituída de afeto, e que se dependesse de si moraria em outra cidade menos quente. Sendo a temperatura elevada um patrimônio cuiabano, justamente pela sua posição geodésica ao centro da América do Sul, não lhe provoca um sentimento de orgulho e pertencimento.

Distinção tênue entre o público e privado

As narrativas de parte das crianças indicaram significações sobre Cuiabá como um lugar de afeto e que melhorou após a construção da Arena Pantanal, pois fora criado um lugar para todos utilizarem. A Arena Pantanal (que pertence ao legado da Copa) como a oportunidade de ser livre, ainda que tenha acessado o local uma única vez. A Arena Pantanal se mostrou referência de liberdade e lugar de crianças. A Arena Pantanal, por sua vez, é significada como um espaço para brincadeiras de crianças

> Antes da Copa do Mundo a cidade era boa, era legal, depois veio a Copa do Mundo ficou melhor, construíram a Arena Pantanal e muita gente vai fazer caminhada, andar de bicicleta, andar de skate, assistir jogos, ver shows. (Criança 15. 10 anos. Sexo Masculino)

> Antes a gente não tinha feito a Arena Pantanal né, o dinheiro poderia ter se diversificado, só que depois da Copa do Mundo pelo menos acho que a gente tem uma Arena Pantanal agora, né, a gente pode ver o jogo, assistir o jogo lá. Acho que a Arena Pantanal foi o mais que mudou, ia falar mais ou menos isso. Eu acho que a Arena Pantanal foi um parque de diversões, que a gente pode andar de bicicleta, pode ir lá andar de patins e várias outras coisas e não só assistir jogo, acho que foi até que bom. (Criança 27, 12 anos, Sexo feminino)

No entanto, o que é público e o que é privado se traduz de maneira ambígua e confusa, pois, a utilização da Arena Pantanal pelas crianças acontecem sob algumas particularidades: a) o uso do espaço público se dá pelos arredores, ou seja, pelo entorno da arena e não no seu interior no qual a utilização deste é privativo e depende da aquisição de ingressos para usufruí-lo; b) a Arena Pantanal disponibiliza vários acessórios brincantes, com patins*, skates*, bicicletas, mas para fazer uso, é necessário alugar mediante pagamento. Portanto, a Arena Pantanal é representada como um espaço público para crianças, sendo um

lugar onde as fronteiras entre o público e o privado, bem como o próprio evento da Copa do Mundo se mostram tênues e não identificadas pelas crianças.

Baixa qualidade das obras, falta de planejamento e abandono das obras propiciando a Zika

O cenário atual percebido pelas crianças aponta para a ineficiência pública na condução das obras viárias e de mobilidade urbana em Cuiabá. Como reflexo desse cenário descrito pelas crianças, a insegurança cresce na medida que o acesso da cidade é percebido como algo nocivo e a modernização contrasta com a proposta, ora prometida, de benefícios, trazendo consigo problemas de saúde pública e descasos mesmo com altas cifras de investimentos.

> Eu falaria que antes da Copa do Mundo estava bem melhor que foi por causa que antes não tinha tanto dinheiro investido nas coisas, no VLT e tal, podia ter colocado nos ônibus, na população, mas eles tentaram colocar no VLT, mas depois viram que era muito dinheiro pararam. É por causa que lá, antes da Copa do Mundo, não tinha essa tal de Zika, não era para ter tanto negócio, porque hoje em dia a obra inacabada fica com muita água acumulada e fica tipo um reprodutor de mosquitos. (Criança 40; 11 anos; Sexo masculino)

Nessas narrativas, a cidade é vista pelas crianças como calma e que a evolução trazida pela Copa do Mundo trouxe consigo outros fatores que tornou a urbe cuiabana mais violenta, poluída, negligenciando as leis vigentes.

> Que antes da Copa do Mundo a cidade era mais calma, mas depois foi evolução, foi crescendo mais marginais e a cidade ficou mais violenta, mais poluição, eles não respeitavam as leis. (Criança 3, 11 anos, Sexo Masculino).

As obras de mobilidade urbana que compõem as medidas adotadas para a realização da Copa do Mundo em Cuiabá são significadas como um descaso público, na medida em que as conduções das obras ficaram aquém do esperado e em comunhão com a ausência de planejamento e o abandono das obras, contrariando a ideia de evolução.

Necessidade de resgate dos direitos fundamentais x investimento nas obras da Copa

O lugar ocupado por Cuiabá frente ao cenário nacional também é narrado pelas crianças. É possível compreender que, para a criança, o legado da Copa trouxe contribuições

principalmente na exposição internacional da cidade de Cuiabá para outras pessoas, descentralizando do Sudeste, mas que outros segmentos da sociedade necessitam de amparo e mais atenção por parte dos representantes públicos. Diante disso, a Copa do Mundo trouxe maior visibilidade social para Cuiabá, tanto nacional como internacionalmente.

> Aconteceu que Cuiabá ficou um pouco mais conhecida, teve viadutos que fizeram e ficaram bons, um não ficou bom, mas reformaram agora está bom de novo e a cidade está evoluindo cada vez mais, mas tem que evoluir mais na saúde e na educação também. Esse viaduto fica lá perto do CPA, não lembro o nome dele, fica um pouco a frente do shopping. A cidade ficou boa com a copa do mundo, mas também não ficou tão boa assim, falta investir em mais coisas, educação, saúde e investir um pouco mais na cidade também, investir no cidadão, ter respeito pelos cidadãos também. (Criança 25. 12 anos. Sexo masculino).

As crianças contrastam os investimentos para a Copa do Mundo e o legado da Copa ao considerar que as ações públicas na atenção básica merecem maiores aplicações. Os direitos fundamentais à vida (saúde e educação), como também a contemplação de demais melhorias na cidade, são elementos que as crianças percebem como indispensáveis para uma cidade melhor.

Entre o passado e o presente: objetivações identificadas

Como nos lembra Bruner (2008, p. 128) "Quando estamos confusos com o que nos defrontamos, renegociamos seu significado de uma maneira que esteja de acordo com aquilo em que aqueles à nossa volta acreditam". As narrativas trazem consigo conteúdos subjetivos que foram vivenciados em um certo período de tempo e os sentidos e significados criados são correspondentes diretos da representação de mundo. Assim, essa categoria aponta as objetivações feita a partir de uma metáfora narrada:

> Eu desenhei a caixa de bombom, caixa de chocolate, como antes por causa que a coisa que eu acho mais legal para mim é uma caixa de chocolate. Quem fica triste comendo uma caixa de chocolate? E depois uma bola de lixo por causa que antes era uma coisa bonita, gostosa, eu nunca tinha comido a cidade, mas de viver, como era gostoso comer um chocolate era gostoso viver aqui. Agora já não é tão legal porque cortaram muitas árvores o calor aumentou, já era calor antes, mas o calor aumentou, virou uma bola de lixo. Era uma coisa gostosa, aí virou um lixo, né. (Criança 26. 11 anos. Sexo feminino).

A metáfora apresentada aponta para o lado afetivo e de pertencimento da criança com a cidade. Vista, outrora, como um lugar vivenciado com afeto e pertencimento, se tornou um espaço avassalado pela onda desenvolvimentista com perdas de referências, como é o caso de árvores que foram derrubadas nas principais avenidas da cidade.



Desenho 1: Cuiabá antes e depois da Copa do Mundo desenhado pela Criança 26
Fonte: dados da pesquisa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas das crianças sobre Cuiabá da Copa do Mundo são fontes de reflexão para repensar a relação da criança nos espaços públicos. É sabido que a cidade é um importante espaço de constituição identitária e, por sua vez, possui profunda relevância com o desenvolvimento psicológico da criança. Contudo, em virtude de um grande investimento como a Copa do Mundo, a apropriação desta pelos meios de comunicação, bem como a realização deste evento na cidade de Cuiabá que é aceito popularmente e transforma a rotina de grande parte da população cuiabana – incluindo intervalos para assistir jogos, carreatas de comemoração, uniformização de vestimentas com as cores da bandeira, decoração de espaços em instituições tanto pública como privada – representam uma áurea diferente em tempos de copa do mundo, fez emergir novas significações e suscitaram discursos de crianças sobre a cidade como espaço de coletividade. Tais discursos, apresentaram Cuiabá antes da Copa do Mundo e Cuiabá depois da Copa do Mundo, e demonstraram a criança como ator social compartilhando significados.

Os significados apresentados pelas crianças – ora reiterando a cidade antes da copa do mundo como um lugar de menos riscos, ora apontando para Cuiabá antes da Copa do Mundo como uma cidade invisível, mostra a maneira pela qual as crianças vivenciam as possibilidades de ser e estar nos espaços da cidade, que, mesmo tendo condições e serem seres de direito, permanecem sobre a invisibilidade cívica para o poder público. Neste limiar, a Arena Pantanal surge como um legado da Copa por conter um espaço físico que possibilita a criança explorar (embora este mesmo espaço apenas possa ser explorado aos seus redores).

As categorias "Distinção tênue entre o público e privado" e "A cidade dos ciclistas e dos pedestres x cidade dos condutores de veículos" representam as duas categorias de maior abrangência da qual identificamos, e que estão presentes nas narrativas tanto antes como no depois da Copa do Mundo, parecem imbricar a todo o momento as situações vivenciadas pelas crianças na cidade.

A existência de perspectivas diferentes no processo de significação permite pensar a análise das representações sociais sobre Cuiabá antes e depois da Copa do Mundo, segundo as crianças, a partir das seguintes categorias:

- pedestres e condutores de meio de transporte;
- aspectos ambientais;
- descaracterização da fronteira entre o público e o privado;
- negligência aos direitos fundamentais

Tais categorias atravessam as vivências de crianças e contribuem para o seu processo de elaboração sobre a realidade com reflexos na sua constituição identitária. De forma geral, pode-se dizer que as crianças escutadas por essa pesquisa relatam a sua condição de estar à margem do evento futebolístico em si, porém, altamente afetadas pelos procedimentos havidos em seu nome. Os discursos produzidos corroboram para a compreensão de que o conhecimento social e o desenvolvimento humano são processos simultâneos e dialógicos.

CUIABÁ BEFORE AND AFTER THE WORLD CUP: CHILDREN, NARRATIVES AND CHILD SIGNIFICATIONS

ABSTRACT: The present work is the result of a master's study entitled "Social Representations of Children about Cuiabá Before and After the 2014 World Cup" [*Representações Sociais de Crianças sobre Cuiabá Antes e Depois da Copa do Mundo 2014*] and tries to think on the narratives of children about the spaces of the city considering the transformations provoked due to the 2014 World Cup. In this perspective, the research intends to identify contents of social representations of the children in the city of Cuiabá, state of Mato Grosso, Brazil, in times of the World Cup. The study is anchored in the Theory of

Social Representations (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 2011) and establishes a dialogue with Historical-Cultural Theory (VIGOTSKI, 2009, 2010), with studies on space and place (TUAN, 1983) and contributions of Bruner (1991; 2008) on narratives. As subjects analyzed, 40 children from the public-school network of Cuiabá who produced narratives in the context of semi-structured interviews. The interviews were analyzed and their contents were organized into clusters of meaning (AGUIAR; OZZELLA, 2006). The core meaning "the child denounces the city's problems" from the indicators of corruption, urban infrastructure, violence, and traffic express the children's subjective contents and demonstrate the senses and meanings constructed from their experiences in Cuiabá during the World Cup.

Keywords: Children. Narratives. City. Social representations.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006.

ANDRADE, Daniela B. S. Freire. O potencial narrativo dos lugares destinados às crianças: incursões do grupo de pesquisa em psicologia da infância GPPIN. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro,v.27, n.1, p.16-21, Abr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922015000100016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 Abr. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1339.

BRUNER, J. **Actos de significado**. Tradução Vanda Prazeres. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. A Construção Narrativa da Realidade. **Critical Inquiry**. Tradução Waldemar Ferreira Netto. v. 18, n.1, pp. 1-21, 1991.

CASTORINA, J. A.; KAPLAN, C. V. Las representaciones sociales: problemas teóricos y desafíos educativos. In: CASTORINA, J. A. (Org.). **Representaciones sociales: Problemas teóricos y conocimientos infantiles**. Barcelona: Gedisa, 2003. p.9-27.

DA MATTA, R. **O Universo do Futebol:** esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

JODELET, D. A cidade e a memória. In: DEL RIO, V.; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Org.). **Projeto de Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002. (Coleção ProArquitetura). p. 31-43.

_____. As representações sociais um domínio em expansão. In: _____. (Org.) **As representações sociais**. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ,2001. p.17-43.

JOVCHELOVICHT, S. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (orgs.). **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007, p.25-49.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. Apresentação e comentários de A. L. Smolka. Tradução de Z. Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Quarta aula:** a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pilleggi Vinha. Psicologia USP, São Paulo, 2010.